



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

A semiosfera como paisagem biossimbólica na construção da memória na mídia

The semiosphere as a biosymbolic landscape in the construction of memory in the media

Autor: Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Escola Superior de Propaganda e Marketing,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Edição: RUS Vol. 13. Nº 23

Publicação: Dezembro de 2022

Recebido em: 18/09/2022

Aceito em: 05/12/2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.202447>

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari.

A semiosfera como paisagem biossimbólica na
construção da memória na mídia.

RUS, São Paulo, v. 13, n. 23, pp. 145-165, 2022.



A semiosfera como paisagem bio simbólica na construção da memória na mídia

Mônica Rebecca Ferrari Nunes*

Resumo: Este artigo apresenta-se como texto-homenagem a Iúri Lotman especialmente no que tange ao desenvolvimento de suas ideias sobre a memória cultural. O artigo desenvolve alguns dos princípios estabelecidos por Lotman e Uspenskii sobre como a cultura pode ser considerada memória da coletividade relacionando-os à teoria dos memes proferida por Richard Dawkins. Espera-se demonstrar a construção da memória midiática em uma semiosfera bio simbólica enfatizando a informação jornalística.

Abstract: This article is a tribute-text to Iúri Lotman, especially regarding the development of his ideas about cultural memory. The article develops some of the principles established by Lotman and Uspenskii on how culture can be considered collective memory, relating them to the meme theory proposed by Richard Dawkins. This study hopes to demonstrate the construction of mediatic memory in a biosymbolic semiosphere, emphasizing the journalistic information.

Palavras-chave: Lotman; Uspenskii; Semiosfera; Memória midiática

Keywords: Lotman; Uspenskii; Semiosphere; Mediatic Memory

Notícias não são seres biológicos, mas criações de uma sofisticada organização de códigos culturais, cuja origem é atribuída à capacidade humana de gerar símbolos. Em meados dos anos de 1980, o biólogo neodarwinista Richard Dawkins apresentou sua teoria sobre os “biomorfos”,¹ representações geradas através de um software chamado *Evolução* que, por sua vez, permitia às imagens sintéticas replicarem-se por meio de um processo análogo ao da seleção natural. Ao refletir sobre a pertinência em tratar seres artificiais, gerados por programas computacionais, em alta velocidade, do mesmo modo que os seres naturais, fruto do lento processo evolutivo no decorrer do tempo geológico, o autor assevera:

Pouco importa que os automóveis e os computadores sejam, ou não, ‘realmente’ objetos biológicos. O que interessa é que se qualquer coisa com esse grau de complexidade fosse encontrada num planeta, não hesitaríamos em chegar à conclusão de que a vida existia, ou tinha em tempos existido, naquele planeta. As máquinas são produtos diretos de objetos vivos e são sintomas de vida num planeta. O mesmo se aplica a fósseis, esqueletos e cadáveres.²

Se palavras impressas ou transmitidas por meio de tecnologias da informação, articuladas em notícias, chamadas, legen-

1 O nome “biomorfos” é criação do zoólogo inglês Desmond Morris para as pinturas vagamente animais que ele mesmo produzia. DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego*. Lisboa: Edições 70, 1986.

2 DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Lisboa: Gradiva, 1976, p. 299.

* Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, SP, Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM-. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, com formação complementar na École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, Paris, e na Université Paris VIII, Saint-Denis, França. Pós-Doutora em Ciências Sociais, Mestre em Comunicação e Semiótica, Bacharel em Língua e Literatura Portuguesas - PUCSP. <https://lattes.cnpq.br/7955592804600185>; <http://orcid.org/0000-0002-5562-9389>; mrfnunes55@gmail.com.

das, assim como fotografias de imprensa não são realmente seres biológicos, sem dúvida, será indiferente à continuidade da reflexão aqui proposta: apresentar as relações entre a teoria dos memes proferida por Dawkins e os princípios criados por Iúri Lotman e Bóris Uspenskii para a compreensão da cultura como memória da coletividade, demonstrando que a semiosfera proferida por Lotman pode ser entendida como paisagem bio simbólica ou ainda tecnobio simbólica.

Em 2001 foi publicada a tese de doutorado que esta pesquisadora havia defendido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, da PUCSP, cuja hipótese era a de que a memória na mídia se faz pela tessitura de memes de afeto, considerando as articulações possíveis entre a teoria semiótica de Tártu-Moscou e a biologia neodarwinista de Richard Dawkins. Este texto-homenagem a Iúri Lotman atualiza algumas das ideias desenvolvidas naquele livro, hoje esgotado, à luz de episódios midiáticos atuais.

1. Teoria dos memes e Semiótica de Tártu-Moscou

O pensamento de Dawkins, ao interpretar o trânsito entre os fenômenos biológicos e os culturais, sugere que “as distinções entre evolução natural e evolução artificial são em si mesmas artificiais”.³ O trânsito entre o biológico e o cultural só é possível porque o cientista entende que há unidades culturais replicadoras que respondem pela tessitura da própria cultura. Para a teoria evolutiva neodarwinista, tais elementos respondem pelo nome de meme. Com extremo bom-humor e ousadia intelectual, o autor batiza os novos replicantes culturais:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas eu quero um monossílabo que soe mais ou menos como “gene”. Espero que os meus

3 DAWKINS, Richard. Revolutionary evolutionist. *Wired*, July, 1995, p. 123.

amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para meme. Se servir de consolo, pode, alternativamente, pensar-se que a palavra está relacionada com “memória” ou com a palavra francesa mème. Deve pronunciar-se de forma a rimar com “creme”.⁴

É curioso o fato de o cientista imputar ao sentido criado para meme certa intimidade com memória. Em vista disso, salientamos o fato de que podemos entender a transmissão memética como um dos modos possíveis de tecer-se a memória cultural. Não menos atraente é descobrir a familiaridade entre determinadas postulações apresentadas por Dawkins, formuladas com o objetivo de examinar a evolução cultural a partir de propriedades análogas à evolução biológica, e certas conceituações provenientes da própria semiótica da cultura, por intermédio de um de seus divulgadores mais instigantes: Iúri Lotman. Para o autor russo, a cultura se apresenta como um conjunto de textos e, conseqüentemente, como “memória não hereditária da coletividade, expressa num sistema determinado de proibições e prescrições”.⁵

Embora, de imediato, esta ideia exhiba as divergências entre memória genética e memória cultural, os mecanismos organizadores e conservadores da informação, indicados pelos autores para construir um sistema de memória, suscitam um fecundo encontro com o pensamento evolutivo neodarwinista interpretado por Dawkins no que tange à cultura. Importa pontuar esta interface para tentar compreender a memória, tramada pela mídia, fazendo-se por meio de unidades de informação que evoluíram no processo biocultural.

Nas últimas décadas de seu trabalho, Lotman alargou a ideia de cultura como conjunto de textos para a de semiosfera, o análogo cultural de biosfera,⁶ onde o hibridismo e a multiplicidade de códigos, suas ambivalências e contradições se mantêm dispostos em um único mecanismo. Unidade plural: “temos que lembrar que todos os elementos da semiosfera es-

4 DAWKINS, 1976, p. 299.

5 LOTMAN, Iúri; USPENSKII, Bóris. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, Iúri; USPENSKII, Bóris. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p. 40.

6 LOTMAN, Iúri. *La semiosfera*, vol. 1. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

tão em correlação dinâmica, não estática, cujos termos estão em constante mudança”.⁷ Parece particularmente interessante reconhecer, em muitos momentos da obra de Lotman, os elementos dinâmicos da semiosfera anunciando um comportamento evolutivo. A própria noção de texto cultural, unidade mínima da cultura, capaz de gerar novos significados, mas, também, de preservar a memória de seus contextos anteriores, isto é, de abrigar em si mesmo memórias ancestrais, aproxima-se a certas propriedades manifestadas pelos produtos dos memes identificados por Dawkins em sua teoria evolutiva.

A princípio, é bom delimitar os conceitos. O meme representa, na herança cultural, o mesmo papel desempenhado pelo gene na hereditariedade biológica: ambos obedecem ao destino de replicadores. Graças a esta capacidade replicante do meme, o autor rejeita a ideia de evolução exclusiva apenas ao gene, concebendo-a, de outro modo, como coevolução de genes e memes. Memes, representações mentais de ideias, comportamentos ou outros constructos teóricos, habitam os cérebros e têm o poder de ser transmitidos e propagados a outros cérebros.

Tal como os genes se propagam no pool genético, saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, também os memes se propagam a si mesmos, saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido lato, pode ser chamado imitação [...]. Quando você planta um meme fértil em minha mente, você literalmente parasita o meu cérebro, tornando-o um veículo de propagação do meme da mesma forma que um vírus poderia parasitar o mecanismo genético da célula hospedeira.⁸

O conceito de meme, identificado por Dawkins em 1976, expandiu-se e, ao longo desses anos, as pesquisas voltadas para a cultura, como uma segunda forma de evolução, postulam a memética como ciência que pode auxiliar o quadro das ciências sociais e das ciências cognitivas. Liane Gabora,⁹

7 LOTMAN, Iúri. *Universe of mind: a semiotic theory of culture*. Bloomington: Indiana University Press, 1990, p. XII.

8 DAWKINS, 1976, p. 300.

9 GABORA, Liane. A day in the life of a meme. In: VAN LOOCKE, Philip (ed). *The nature, representation, and evolution of concepts*. London: Routledge Press, 1997.

por exemplo, entende o meme, além de ideias obviamente transmitidas, como uma experiência particular, desde a experiência de uma vermelhidão intensa à percepção de uma rota mais curta para ir ao trabalho. Já Shifman,¹⁰ ao distinguir memes pré-digitais dos memes nascidos no contexto da internet, reconhece memes não como unidades, mas como coleções de textos. Afirma que, no contexto digital, a velocidade, o compartilhamento e as mutações de memes são muito mais constantes do que em situações analógicas. A memética pode estar unida aos fenômenos como percepção, planejamento, emoção e categorização.

Richard Dawkins¹¹ distingue o meme, vivendo em meios complexos como o cérebro, de sua replicação, comportando-se como efeitos fenotípicos ou produtos do meme, agindo fora do cérebro, na cultura, transformados em ação ou linguagem: melodias, modas, frases, palavras, imagens visuais, gestos faciais e manuais, crenças, modos de fazer potes, entre outras práticas. Considerando o meme uma unidade de informação, residindo no cérebro, Dawkins nomeia como efeitos fenotípicos ou produtos dos memes na cultura atuando como o lado visível/audível/tátil dos memes dentro do cérebro. Memes e seus efeitos fenotípicos participam do processo evolutivo seguindo a vocação do gene: a replicação. Por um lado, o gene, egoísta, deseja apenas sobreviver, em meio à seleção natural, para alcançar gerações futuras.

Pensamos que a aptidão em postergar o fim, experimentada pelo gene, representa, de certo modo, a superação simbólica da morte, à medida que, permeando essa habilidade natural, enreda-se a contradição geradora dos próprios códigos culturais: o par de opostos vida/morte: “nossos genes poderão ser imortais, mas a coleção de genes que constitui cada um de nós está condenada a dissipar-se”, conforme Dawkins.¹²

10 SHIFMAN, Limor. The cultural logic of photo-based meme genres. *Journal of visual culture*, December 16, 2014, p. 341. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1470412914546577> Acesso em 11 jan 2021.

11 DAWKINS, 1976; 1983.

12 DAWKINS, 1976, p. 309.

O semioticista Norval Baitello,¹³ com base em Ivan Bystrina, descreve o funcionamento da cultura a partir da intersecção de três níveis de codificação: códigos hipolinguais ou primários (código genético, informação bioquímica etc.), linguais ou secundários (produzindo textos cujo objetivo é atingir fins instrumentais, técnicos e cotidianos, e textos racionais, como os textos lógicos e matemáticos) e hiperlinguais ou terciários (códigos culturais organizando textos criativo-imaginativos). Ainda que a teoria de Bystrina trazida por Baitello expresse uma aparente separação entre natureza/cultura/técnica, em nenhum momento estes campos sobrevivem isoladamente. Códigos primários, secundários e terciários se entretecem.

Estes códigos, organizados em textos, tratam de impregnar a cultura de imortalidade simbólica, uma vez que a única teleonomia da cultura é superar o medo existencial, a morte,¹⁴ vacância inaugural estampada na “matéria corrosível de que é feito o homem, de misterioso tempo”,¹⁵ irreversível percurso. A contrariedade a este estado em que a matéria cessa seu trabalho enuncia-se, igualmente, nos genes afoitos por durar. Se bem que as teorias de Dawkins, Bystrina e Lotman guardem enormes diferenças conceituais, um mesmo pendor as aproxima: o vital egoísmo do gene e dos textos no enalço de próximas gerações. Podemos, então, vislumbrar traços de uma união bio simbólica, já que, ao retardar simbolicamente a morte, a dinâmica dos textos culturais atua analogamente à dinâmica auto-replicante/autoperpetuante do gene e do meme.

Dessa forma, além dos suportes biológicos do texto cultural, como a presença dos códigos hipolinguais nas raízes da cultura, enfatizamos o comportamento uníssono dos textos da cultura e da matéria orgânica, ao menos no que se refere ao rastreamento da longevidade. Entretanto, quando os produtos do meme – palavras, slogans, melodias, gestos, notícias, sinfonias, filmes, entre outros – sobrevivem à seleção memética,

13 BAITELLO, Norval. *Sistemas intersemióticos I: semiótica da cultura de massa*. Disciplina oferecida pelo PPG em Comunicação e Semiótica da PUCSP, 2º semestre, 1989.

14 BAITELLO, 1989.

15 BORGES, Jorge Luiz. *Elogio da sombra: um ensaio autobiográfico*, 5ª edição. São Paulo: Globo, 1993.

tornando-se ancestrais, devem durar muito mais que os genes, imperando, veementemente, a diferença de velocidades e de durações entre a evolução biológica e cultural. A velocidade da evolução genética, ao menos nos processos em que não existe a manipulação do genoma, é muito mais lenta do que a da evolução da cultura, pois o gene pode apenas ser transmitido de pai para filho e uma única vez na vida. Além do mais, a coleção individual de cada gene tende a desaparecer e, com o passar das gerações, o legado dos genes de cada um de nós é reduzido à metade.

Por outro lado, a transmissão memética pode ser efetuada de modo vertical, oblíquo ou horizontal e, diferentemente da transmissão genética, durante muitas vezes ao longo da nossa existência. Os produtos de um meme podem sobreviver intactos até muito tempo depois da morte dos genes daquele que reproduziu este meme no caldo cultural. Em virtude de o meme atuar, no meio exterior, como efeito fenotípico, ao modo do gene, certas considerações permitem a convergência entre a seleção natural e a seleção memética, embora as divergências também sejam muitas. Convém rastrear esse movimento.

2. Longevidade: genes e memes, códigos e textos

Quando pensamos nos critérios de sucesso tomados pela seleção natural, imediatamente surgem à nossa mente as postulações de Darwin em relação à preservação de variações e diferenças vantajosas biologicamente, resultando em um traço adaptativo favorável à espécie, ou, em contrapartida, à eliminação das desvantagens. Entretanto, Dawkins enfatiza: “a sobrevivência do mais apto, de Darwin, é, na realidade, um caso especial duma lei geral de sobrevivência do estável”.¹⁶ Na teoria evolutiva professada por Richard Dawkins, a seleção natural ocorre em nível de gene e não de grupo ou espécie. Para tanto, o sucesso de um gene significa permanência atra-

16 DAWKINS, 1976, p. 43.

vés de gerações. Genes devem gozar de estabilidade. De outro modo, esclarece Dawkins, diferentemente da seleção natural, não é necessário procurar vantagens biológicas na evolução de um traço cultural em meio à seleção memética. Porém, entre quaisquer replicadores, genes ou memes, as condições de sobrevivência apresentam-se como: longevidade, fecundidade, fidelidade de cópia. Tais pressupostos, por sua vez, também se aparentam a certas especificidades dos elementos que participam da feitura do texto, tornando-o elemento-base da cultura como memória da coletividade, considerando Lotman e Uspenskii.¹⁷

Para os autores russos, a questão preponderante em torno da qual se move a cultura para organizar e conservar a informação é, coincidentemente, a longevidade de textos e de códigos na memória coletiva da comunidade. A longevidade corresponde a uma extensão temporal à continuidade da própria cultura e memória; é responsável por uma hierarquia de valores dentro da própria cultura, “os textos que podem considerar-se mais válidos são os de maior longevidade, do ponto de vista e segundo os critérios de determinada cultura”.¹⁸ Por sua vez, concebem a longevidade do código pela sua “capacidade de mudar conservando ao mesmo tempo a memória dos estados precedentes e, portanto, a autoconsciência da unidade”.¹⁹ Percebendo-a tal qual estabilidade: o fundamento mesmo em que se assenta a cultura como memória, vale lembrar que a longevidade assegura a permanência de genes e memes. Ao descrever o surgimento da molécula de DNA, primeiro replicador apto a criar cópias de si mesmo, Dawkins releva o papel da estabilidade “[...] aquilo que realmente interessa é que, subitamente, uma nova forma de estabilidade apareceu no mundo”.²⁰ Mas, no reino biológico, será o erro o propulsor da variabilidade e, portanto, da evolução. O biólogo sugere:

17 LOTMAN e USPENSKII, 1981.

18 LOTMAN e USPENSKII, 1981, p. 43.

19 Idem

20 DAWKINS, 1976, p. 48.

À medida que se formavam e propagavam cópias imperfeitas, o caldo primitivo foi-se enchendo, não de réplicas idênticas, mas de diversas variedades de moléculas replicadoras, todas elas “descendentes” do mesmo antepassado [...] Algumas variedades seriam hereditariamente mais estáveis do que outras.²¹

Ora, é a estabilidade, absorvendo o erro e a variação, a determinante da longevidade como “tendência evolutiva” na população de moléculas, uma vez que moléculas estáveis duraram mais e aumentaram a produção de cópias de si mesmas, proporcionando o maior número de replicadores longevos. Dawkins resgata, ainda, a pesquisa desenvolvida pelo etologista P. F. Jenkins ao observar a espécie de pássaros *Creadion carunculatus*, habitantes da Nova Zelândia. O cientista mostrou que filhotes podiam imitar o canto de pássaros de um território vizinho e, assim, testemunhou o invento de um novo canto que ocorreu devido ao erro de imitação e passou a ser incorporado ao repertório original, gerando, por um certo tempo, um produto com maior estabilidade do que a antiga canção. As novas canções são “mutações culturais”,²² à guisa das mutações genéticas.

Já que a mutação do canto das aves ocorreu devido a um processo não genético, entretanto, evolutivo, como não associarmos as descrições formais da memória genética e seu entroncamento à formação da memória memética, como sugere o exemplo acima, ao *mecanismo semiótico da cultura* descrito por Lotman e Uspenskii, no tocante à longevidade do texto e, em especial à do código, sinalizando a mudança, ou errância/mutação, embora conservando a memória ancestral de estados anteriores? Ambas as teorias não preveem a longevidade/estabilidade, quer de genes e memes, quer de códigos e textos, tecendo-se por meio da variabilidade?

Logicamente, existem diferenças entre os dois postulados, porém, vislumbramos as brechas por entre as quais a teoria da cultura, em Lotman e Uspenskii, mostra-se como teoria evolutiva da cultura, ao encontro daquela proposta pelo biólogo Richard Dawkins, a exemplo da afirmação daqueles se-

21 DAWKINS, 1976, p. 50.

22 DAWKINS, 1976, p. 296.

miotocistas sobre a existência de mecanismos, no interior da cultura, capazes de manter a homeostase necessária para a conservação da memória e, por outro lado, fomentar sua renovação contínua, ampliando a capacidade de absorver informações. Esse dinamismo, inerente à cultura, a conviver com a estabilidade de certos elementos, revela-se na possibilidade da autoduplicação dos fenômenos culturais²³ à medida que a cultura reproduz a variabilidade desses fenômenos, isto é, a nova informação que alcança estabilidade por um certo tempo. Esta aptidão autoduplicadora poderia se mostrar também como aptidão evolutiva? Vejamos, ainda, outras convergências entre as teorias de Dawkins, Lotman e Uspenskii inchando de memes a semiosfera para ensaiarmos uma resposta.

3. Fecundidade: capacidade autoreplicadora da cultura

Lotman e Uspenskii determinam três maneiras específicas para dar conteúdo à cultura enquanto memória longeva da coletividade: 1) aumento quantitativo do volume dos conhecimentos por meio de diversos textos que compõem as diferentes células do sistema hierárquico da cultura; 2) redistribuição do fato memorizável, portanto, de sua valorização hierárquica na cultura e reorganização ininterrupta do sistema codificador, possibilitando o aumento do volume da memória graças a criações de reservas inactuais mas capazes de adquirir actualidade; 3) esquecimento, proporcionando a seleção de elementos transformados em textos e o abandono de outros, considerados inexistentes: “qualquer texto contribui não só para a memorização mas também para o esquecimento”.²⁴

Nesta seção, apenas o primeiro item será discutido, analisado e confrontado com a teoria evolucionista proposta por Richard Dawkins. O objetivo aqui proposto é justamente assinalar as similaridades entre as condições necessárias para

23 LOTMAN; USPENSKII, 1981.

24 LOTMAN; USPENSKII, 1981, p. 43-44.

a cultura ser considerada memória, prescritas pela semiótica de Lotman, e o modo de funcionamento da cadeia evolutiva biotecnocultural, prevista por Dawkins com base na biologia neodarwinista, o que não deixa de significar a construção da memória da espécie e da cultura, lugar em que se inscreve a memória midiática. Certas considerações da semiótica da cultura russa unem-se às da biologia neodarwinista, partindo de Richard Dawkins quando se refere ao surgimento dos replicadores e suas condições de sobrevivência:

Se as moléculas do replicador tipo A formassem cópias de si próprias, em média, uma vez por semana e as moléculas de tipo B formassem cópias de hora a hora, não é difícil prever que, em pouco tempo, as moléculas do tipo A estariam em minoria, mesmo que tivessem muito mais tempo de “vida” do que as moléculas do tipo B. Assim, teria provavelmente havido uma “tendência evolutiva” em direção a uma “fecundidade” das moléculas no caldo primitivo.²⁵

Particularmente, no caso dos memes, é a fecundidade, ou velocidade de replicação, que determinará o sucesso do meme ou do efeito fenotípico do meme, sob a forma de frequência de circulação. Talvez seja a fecundidade, como tendência evolutiva e condição necessária à sobrevivência dos replicadores genéticos e culturais, que revigore a capacidade autoduplicadora da cultura, apontada por Lotman e Uspenskii. E, desse modo, o aumento de volume dos conhecimentos, oferecendo conteúdo à cultura como memória, talvez possa ser considerado como resultado da mutação e fecundidade: velocidade de replicação e frequência no pool de memes.²⁶

Longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia são características selecionadas para o sucesso de genes e memes. Todavia, como ressalva Dawkins, “os memes estão a ser transmitidos sob forma alterada,”²⁷ sujeitados a mutações com muito mais intensidade e constância do que os genes. O fato de as cópias de memes serem reproduzidas de maneira nem sem-

25 DAWKINS, 1976: 50-51.

26 A expressão “pool de genes” é utilizada tecnicamente para designar o conjunto de todos os genes de uma população ou espécie determinadas. Do mesmo modo, Dawkins utiliza a expressão “pool de memes”, evidentemente, designando a reserva de memes na cultura.

27 DAWKINS, 1976, p. 303.

pre tão fiel reforça o argumento de que o aumento de volume da memória, descrito em Lotman e Uspenskii, é proporcionado pela proliferação de memes e de seus efeitos fenotípicos, muitas vezes mutados, embora, por vezes, possam ser provenientes de um mesmo ancestral.

Pensamos, sobretudo, nas mídias como veículos de memes em mutação e a relação que se estabelece com o poder simbólico das palavras e das imagens que se autoreplicam memeticamente seja no formato impresso, radiofônico, eletroeletrônico ou digital. As mídias transformam a matéria, dotando-a de durações próprias que escapam à velocidade abissal da flecha do tempo, na tentativa agonizante de evitar a morte. Neste cenário, a mídia passa a doar longevidade, isto é, estabilidade aos memes culturais, como notícias, frames fotográficos etc. que também podem ser compreendidos como textos culturais.

Uma coisa estável é uma aglomeração de átomos que seja suficientemente vulgar ou permanente para merecer um nome. Poderá ser uma aglomeração única de átomos, tal como o Matterhorn, que dura o tempo suficiente para valer a pena dar-lhe um nome. Ou poderá ser um conjunto de entidades, tal como pingos de chuva, que se formam a uma taxa suficientemente alta para merecerem um nome coletivo, mesmo que qualquer deles tenha uma vida curta.²⁸

Redimensionando o princípio da provisoriedade da informação, as mídias asseguram a estabilidade de memes/textos que permanecem memória, sob a forma de pingos de chuva: duração instantânea, vida curta em alta frequência. Ainda que possam ser recombinaados ou modificados, como veremos a seguir.

4. Memória e memes na mídia: celular, flores, coquetel molotov

Nas vésperas das eleições presidenciais brasileiras de 2022, a violência e a brutalidade se instalaram no país incitadas pelo então presidente da República, Jair Bolsonaro, candida-

28 DAWKINS, 1976, p. 43.



Figura 1 Deputado (à esquerda) ataca jornalista (à direita)
Frame de tela captado de <https://jornaldebrasil.com.br/noticias/politica-e-poder/ele-veio-para-lacar-diz-leao-serva-sobre-ataque-de-deputado-bolsonarista/> acesso em 17 set. 2022

to à reeleição, e por sua base eleitoral. Notícias de morte de eleitores do candidato opositor, Luís Inácio Lula da Silva, foram frequentes nos jornais²⁹ assim como ataques corriqueiros a jornalistas. Em debate televisual transmitido pela Televisão Cultura, o deputado estadual bolsonarista, Douglas Garcia (Republicanos-SP), levantou-se da bancada em que assistia ao evento e se dirigiu à jornalista Vera Magalhães bradando palavras de baixo calão, insultos e filmando a profissional. A jornalista manteve-se atrás de um segurança, protegendo-se, como mostram os frames abaixo (Figura 1). Depois de certo tempo, o diretor de jornalismo da emissora sediadora do evento, Leão Serva, deslocou-se também de seu lugar e em gesto rápido arrancou o celular das mãos de Douglas Garcia (Figura 2) e arremessou o aparelho. O jornalista afirmou nas redes que “defender mulher de agressão é imposição moral”.³⁰

29 Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/09/09/discussao-politica-leva-a-morte-de-eleitor-de-lula-no-mato-grosso.htm> Acesso em 18 set. 2022.

30 Declaração do jornalista Leão Serva feita à Folha UOL. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/defender-mulher-de-agressao-e-imposicao-moral-diz-jornalista-que-arremessou-celular-de-deputado.shtml>. Acesso em 17 set 2022.



Figura 2 Jornalista Leão Serva arranca celular das mãos do deputado Douglas Garcia
Frame de tela captado de <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/defender-mulher-de-agressao-e-imposicao-moral-diz-jornalista-que-arremessou-celular-de-deputado.shtml>. Acesso em 17 set. 2022.

O que interessa a este artigo é discutir não o acontecimento em si, mas a lógica memética destes textos culturais, tendo em vista que não só os frames das imagens são replicados nas transmissões na tevê, nos inúmeros sites jornalísticos. O fato se desdobra igualmente em matérias jornalísticas de caráter ético-político, discutindo a atitude e as razões do ato do jornalista, assim como as reações de internautas e do público em geral. Consideramos que a lógica desta replicação é de natureza memética e, portanto, ajuda a argumentar sobre o aumento do volume dos textos aumentando o volume da memória na cultura, como querem Lotman e Uspenskii, por meio da fecundidade dos memes materializados nestes textos multi-

plicando a circulação da informação, corroborando o profícuo encontro entre a teoria dos memes e a teoria semiótica de Tártu-Moscou que afirma que cultura é memória.

Lembremos que, desde os primeiros tratados sobre a memória no Ocidente, o caráter emocional das imagens foi de extrema relevância para os sistemas mnemônicos desde a Antiguidade até o nascimento da prensa. Em outro trabalho, demonstramos que a dominância emocional de imagens e palavras – em qualquer linguagem – caracteriza os memes de afetos que tecem a memória midiática.³¹ A imprevisibilidade das forças do acaso,³² o gesto do jornalista, ao se tornar matéria pública de intensa carga emocional, ganha o estatuto de meme de internet com a imagem de Leão Serva viralizada nas redes (Figura 3).

Partindo de uma progenitura emocional, esses textos culturais meméticos ganham, na mídia, estabilidade, atestando a capacidade autoduplicadora e evolutiva da cultura como memória. Conquanto submetido a durações instantâneas, à esta-

bilidade de pingos de chuva gerada no tempo próprio às máquinas de informação. O meme de Leão Serva, em si mesmo um meme recombinado da obra mural denominada *O atirador de flores*, do artista de rua Banksy (Figura 4), pode rarear em sua circulação vinculada ao episódio político-eleitoral-televisivo, mas poderá durar em outras recombinações, como ao que assistimos em páginas do facebook, com o meme do jornalista se tornando capa do perfil de usuários (Figura 5).

Esses movimentos replicadores vão ao encontro da segunda postulação de Lotman e Uspenskii para que a cultura se torne memória: a redistribuição do fato memorizável provocando a reorganização contínua do sis-

Figura 3 Meme de internet do jornalista Leão Serva
Disponível em <https://www.meionorte.com/amp/stories/leao-serva-viraliza-e-ganha-memes-apos-arremessar-celular-de-deputado-em-sp-455250> Acesso em 17 set. 2022



31 NUNES, Mônica Rebecca Ferrari, 2001.

32 LOTMAN, Iúri. *Cultura y explosión*. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 1999.



Figura 4 *O atirador de flores*, de Banksy
Disponível em <https://www.mardish.com/products/banksy-o-atirador-de-flores> Acesso em 18 set.2022

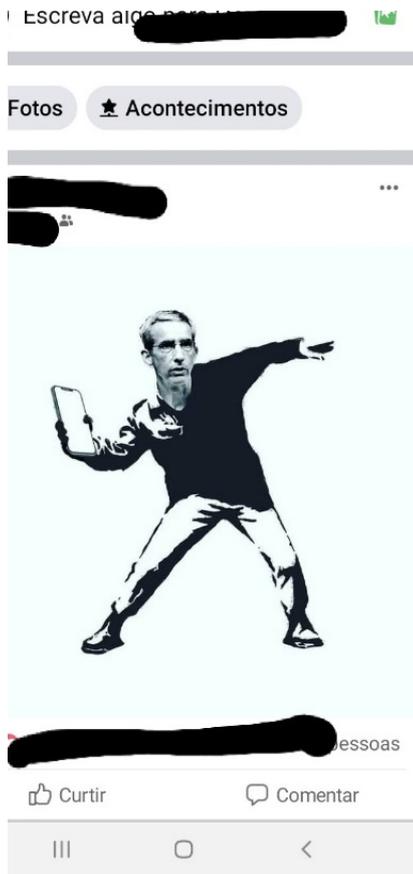


Figura 5 Meme de Leão Serva como capa de perfil de facebook de usuário
Disponível em facebook.com

tema codificador e garantindo, de outra forma, o aumento do volume da memória. Vislumbramos a presença da contínua reorganização dos códigos culturais nas reservas de códigos “inatuais, mas capazes de adquirirem atualidade”, como assinalam Lotman e Uspenskii,³³ na reserva inesgotável de memes, no cérebro humano, e indubitavelmente, no imaginário/memória, também viveiro de memes continuamente materializados nos textos da cultura.

Notícias, fotografias, artigos etc., não possuem genes, contudo, funcionam como efeitos fenotípicos ou produtos do meme, competem por tempo e espaço. Analogamente ao fenótipo alternativo de um gene, à espera, talvez, de atualizar-se em outras gerações, amplificando continuamente o que pode vir a ser patrimônio da memória, o fenótipo alternativo do meme, inatual, proporcionado pela reorganização contínua dos sistemas de códigos/imaginário, constitui-se reserva de complexidades.

Assim, a informação jornalística, como texto de cultura, comportando-se como efeito fenotípico de um meme ou de um conjunto de memes, aponta, irremediavelmente para fenótipos alternativos, escondidos, podendo ou não aparecerem como futuros descendentes: a imagem de Leão Serva, gerada do episódio jornalístico, é meme da imagem de Banksy produzida como obra urbana, grafitada em Londres, em 2005, quando a cidade passava por ondas de protestos sociais. Por sua vez, a obra do artista já memetiza de modo alterado a imagem foto-jornalística de cenas das manifestações de maio de 1968 na França, em que um jovem atira coquetel molotov em conflito com a polícia, fartamente reproduzida durante certo período.

Interessante perceber que, nestas sequências meméticas, o contexto de enfrentamento político permanece. Entretanto, na obra de Banksy, o coquetel molotov é substituído por flores, mas a imagem mantém signos de violência seja por meio do título: *Atirador de flores*, seja por meio da máscara acobertando o rosto do jovem. No entanto, a obra é caracterizada como crítica social ao substituir a arma pelas flores, introduzindo

33 LOTMAN; USPENSKII, 1981, p. 43.



Figura 6 Cenas de enfrentamento no Quartier Latin, nos arredores da Sorbonne, entre estudantes e policiais, 1968.

Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2018/05/e-proibido-proibir-como-o-maio-de-1968-mudou-para-sempre-os-limites-do-possivel/> Acesso em 18 set. 2022

o paradoxo da ação de atirar com flores. No caso do meme do jornalista brasileiro, o contexto político e de agressividade também é gerador do meme, mas ganha o tom de humor pelo inesperado e pela comparação com a imagem artística, porém, em vez de o personagem lançar flores, arremessa um celular – arma bastante potente da atualidade. Redistribuir o fato memorizável, na cultura, reorganizando ininterruptamente o sistema de códigos, sugerimos, corresponde a recategorizar lembranças permanentemente recriadas por intermédio das contingências do contexto. Fenótipos escondidos acantam-se em cada sistema de memória.

O último baluarte tomado por Lotman e Uspenskii, citado anteriormente, para a cultura ser considerada como memória é o esquecimento. Os autores assinalam que a destruição de certos textos culturais permite a criação de tantos outros, evidenciando a direção da cultura contrária à do esquecimen-

to, por seu turno, transformado em elemento da memória. De outro modo, os autores igualmente enfatizam que o esquecimento pode ser entendido como fator de destruição da cultura, quando o esquecimento de determinadas experiências históricas se torna obrigatório. Contudo, concordamos com Jerusa Pires Ferreira ao referir-se a esta ideia e afirmar que “há de se pensar que não existe passividade que acolha um ‘esquecimento obrigatório’, imposto por um sistema político ou pela comunicação de massa”.³⁴ O esquecimento pode, tanto na cultura quanto no corpo, desempenhar função seletiva e, desse modo, ser entendido como um dos arrais da memória, como o exemplo desenvolvido que mostra que a imagem do jovem de maio de 1968 pode ter sido esquecida por um tempo, mas pode retornar à circulação na cultura, como meme ancestral da imagem artística de Bansky ou do meme de internet do jornalista brasileiro.

Considerações finais

Apresentamos pontualmente aspectos da teoria dos memes desenvolvida por Richard Dawkins muito tempo antes dos célebres memes de internet. A proposta é a reflexão sobre a lógica memética, a replicação. Esse movimento envolve os princípios da longevidade e da fecundidade para o sucesso de genes e de memes. Curiosamente, ao nos determos sobre alguns dos pressupostos da semiótica de Tártu-Moscou, especialmente no que concerne à máxima de que cultura é memória, vislumbramos igualmente os princípios da longevidade e da fecundidade, entretanto, de textos e de códigos.

No artigo, procuramos demonstrar como tais princípios podem ser reconhecidos nas transmissões noticiosas e sobretudo na construção da memória midiática a partir de acontecimentos recentes no cenário nacional. A semiosfera, espaço contínuo de produção de signos, códigos e textos na cultura,

34 FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 79.

passa a ser compreendida em sua dinâmica evolutiva, biossimbólica, já que textos podem se comportar como textos meméticos, isto é, replicadores. Como tal, estão sujeitos aos processos seletivos, o que podemos relacionar aos processos de esquecimento não obrigatório. Entretanto, o esquecimento é par dialético da memória e, por isso, e graças ao mecanismo memético, os textos podem voltar a circular na semiosfera, mesmo de modo alterado.

Referências Bibliográficas

- BAITELLO, Norval. *Sistemas intersemióticos I: semiótica da cultura de massa*. Disciplina oferecida pelo PPG em Comunicação e Semiótica da PUCSP, 2º semestre, 1989.
- BORGES, Jorge Luiz. *Elogio da sombra: um ensaio autobiográfico*, 5ª edição. São Paulo: Globo, 1995.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Lisboa: Gradiva, 1976.
- DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- DAWKINS, Richard. Revolutionary evolutionist. *Wired*, July, 1995.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- GABORA, Liane. A day in the life of a meme. In: VAN LOOCKE, Philip (ed). *The nature, representation, and evolution of concepts*. London: Routledge Press, 1997.
- LOTMAN, Iúri. *Universe of mind: a semiotic theory of culture*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- LOTMAN, Iúri. *La semiosfera*, vol.1. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1996.
- LOTMAN, Iúri. *Cultura y explosión*. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 1999.
- LOTMAN, Iúri; USPENSKII, Bóris. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, Iúri; USPENSKII, Bóris. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- NUNES, Mônica R. Ferrari. *A memória na mídia: a evolução dos memes de afeto*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.

SHIFMAN, Limor. The cultural logic of photo-based meme genres. *Journal of visual culture*, December 16, 2014. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1470412914546577> Acesso em 11 jan 2021.